

29 FEV 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia não é futebol

SÉRGIO AMAD COSTA

Em época de Copa do Mundo todos os brasileiros se tornam especialistas em futebol. Mas, apesar de opinarem nos bares e esquinas da vida, quem determina a escalação do time e a tática do jogo é o técnico. Aos demais resta aplaudi-lo, se ganhar, ou pichá-lo, se perder.



Contexto semelhante vem-se apresentando na nossa economia. Todos nós já nos julgamos entendidos em planos. Sobre os programas econômicos, opinamos, reclamamos, porém apenas nos bares e esquinas da vida. Pois quem escala o time é o presidente e quem determina a tática é a ministra da Economia. Assim, plano vai, plano vem e o Brasil até agora só perdeu. Por quê? A resposta é simples: economia não é futebol.

Num jogo de bola quase tudo depende dos dois times. A torcida é um mero espectador. Entretanto, na economia os milhões de brasileiros, embora considerados simples torcedores, são os que participam da partida. Os que fazem, com o seu comportamento, a bola rolar. Portanto, suas expectativas não só influenciam o resultado, mas decidem a contenda.

Enquanto o presidente Fernando Collor não compreender isso, teremos somente planos malogrados. Porém, qual é a alternativa? Há quem afirme que vale insistir na via ortodoxa. E há quem peça mais heterodoxia. Quem está certo? Nenhum deles, pois não é esse o problema central. Já fomos pelos dois lados e fracassamos.

O erro não está nos princípios básicos dos planos, mas sim na maneira como têm sido montados. São programas arquitetados na calada da noite, enquanto dormimos. No outro dia, abrimos os jornais e pronto: tudo mudou. E aí precisamos, por um lado, seguir as novas regras e, por outro, sair por aí, como torcedores patriotas, dizendo que "tem de dar certo".

Em outras palavras, qualquer plano econômico, for-

mulado apenas por uma equipe ministerial, por melhor que ele seja, não vingará, pois sua execução depende de vontade política dos agentes econômicos. E essa só é possível quando se tiver um programa preparado via entendimento nacional, com a participação dos partidos e das entidades de classe.

Aí sim, sendo o plano ortodoxo ou não, será bem recebido, pois fruto de consenso dos representantes daqueles que vão "viver" o programa. Entretanto, o que temos visto é o inverso. Isso é, meia dúzia de pessoas arquitetam, na calada da noite e entre quatro paredes, um "pacote" e depois clamam pela adesão das instituições sociais.

Tudo leva a crer que este Plano Collor 2 será um fracasso, principalmente pelos motivos acima mencionados. Assim, ao presidente restarão duas saídas. Uma é mudar a equipe econômica. Com isso, certamente teremos de novo, preparado na calada da noite, mais um plano econômico, "marca registrada da mudança". E será outro fracasso, ao não contar com o respaldo político para sua execução.

A outra hipótese, única viável, é conceber um programa econômico resultado de um pacto social. Nesse caso os agentes, participantes do entendimento, não se sentiriam meros torcedores, espectadores como num jogo de futebol, mas integrantes ativos de uma proposta para o País. Aí, sim, haverá sustentação política para as medidas econômicas.

O presidente Collor, no ano passado, solicitou à Nação paciência. Agora cabe a ele ter calma e pertinácia para concentrar todo o seu esforço na formação de um pacto social, que às vezes leva meses para se conseguir.

É bom lembrar que equipe econômica se muda da noite para o dia. Mas não será essa a solução para o problema brasileiro. Um técnico de futebol consegue, às vezes, sozinho, mudar a tática e ganhar o jogo. Porém, jamais um ministro sozinho vence uma crise como a nossa. Seja ele ou ela quem for.

□ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP